

Folkcomunicação em perspectiva etnográfica: contribuições para as práticas de ensino em Jornalismo¹

Karina Janz WOITOWICZ²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná

Resumo: O presente artigo se baseia em uma experiência de ensino realizada em 2017 no Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa que consistiu na realização de pesquisas de orientação etnográfica no ambiente urbano, com o propósito de observar os processos de apropriação tecnológica em diferentes cenários comunicacionais. Foram analisadas as interações em locais como espaços públicos, ambientes religiosos e bares, em um exercício de aplicação dos conceitos da etnografia, em diálogo com a perspectiva teórica da folkcomunicação. Os resultados da prática proposta apontam para possíveis contribuições da pesquisa em cultura no aprimoramento do olhar sobre a cidade, com ganhos para a formação acadêmica em Jornalismo.

Palavras-chave: folkcomunicação; ensino; pesquisa etnográfica; cultura.

Introdução

Na trajetória da pesquisa em folkcomunicação, o uso da etnografia revela-se um recurso amplamente utilizado para a observação das manifestações populares. Dos primeiros registros - de caráter descritivo, oriundos dos estudos de folclore - às análises orientadas para a identificação de padrões culturais a partir das relações entre a cultura popular e massiva, o ‘exercício de ver’ foi tomado como fundamento para os estudos de folkcomunicação.

No presente artigo, serão inicialmente apresentados alguns princípios da pesquisa etnográfica, com base na tradição de estudos antropológicos, de modo a demarcar as contribuições deste campo de investigação para as pesquisas em folkcomunicação. Com base neste referencial, busca-se discutir uma experiência de ensino realizada na disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura, da terceira série do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no primeiro semestre de 2017, que consistiu na articulação teórico-prática para observação de fenômenos comunicacionais.

Ao lado de conteúdos curriculares, entende-se que é preciso ampliar os espaços de debate em torno das relações entre jornalismo e cultura, o que envolve a possibilidade

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação (UEPG), membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. E-mail: karinajw@gmail.com

de inclusão, nos veículos laboratoriais e extensionistas dos cursos de Jornalismo, de temas que perpassam a valorização da cultura e dos saberes populares, bem como os hibridismos que caracterizam a sociedade contemporânea. Neste sentido, torna-se oportuno registrar a existência de dois projetos de extensão na Universidade Estadual de Ponta Grossa – Cultura Plural³ e Lente Quente⁴ – que atuam diretamente na relação com o campo cultural da cidade.

As experiências de pesquisa em folkcomunicação, no contexto da formação em Jornalismo, ganham espaço no grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação⁵, criado em 2010, que conta com a participação de professores e estudantes de graduação e mestrado que desenvolvem estudos sobre as interfaces entre jornalismo e cultura, oportunizando contato com a temática em espaço extra sala de aula.

Na experiência de ensino em questão, com base em um roteiro metodológico previamente estabelecido, foram produzidas pesquisas de observação orientadas pelos princípios da etnografia⁶, com foco comum na utilização de meios de comunicação e/ou de dispositivos tecnológicos nos processos de interação social. A base conceitual para a realização do trabalho de campo situa-se em Yves Winkin (1998), José Guilherme Cantor Magnani (2002) e em estudos empíricos baseados na etnografia e nas pesquisas em folkcomunicação.

Foram produzidos relatórios de observação em onze locais (espaços públicos, bares e boates, espaços religiosos, entre outros), onde foram identificadas as mediações sociais, seja as realizadas no contexto face a face, seja aquelas permeadas por recursos tecnológicos (tais como *smartphones*, *tablets*, telões, etc). O artigo não se propõe a descrever todos os resultados observados pelas equipes, mas refletir sobre as contribuições do “exercício de ver” para o desenvolvimento de pesquisas voltadas às dinâmicas culturais e de produções jornalísticas que contemplem a diversidade e a riqueza das manifestações da cultura.

³ Site de jornalismo cultural criado em 2011, voltado à visibilidade dos grupos culturais e artistas populares de Ponta Grossa/PR e região. Disponível em: www.culturaplural.com.br

⁴ Projeto fotojornalístico existente desde 2010 que consiste na publicação diária de imagens da cena cultural de Ponta Grossa/PR no Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/lentequente/>

⁵ Cadastrado no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3599897752335302>

⁶ Entende-se que uma pesquisa etnográfica exige amplo conhecimento da comunidade ou grupo investigado e acompanhamento das práticas culturais por um longo período de tempo para viabilizar o reconhecimento de determinados padrões culturais. Como não seria possível estabelecer esta prática no contexto de uma disciplina, está se considerando o trabalho de campo realizado pela turma como um exercício de observação do cenário urbano orientado pelos princípios da etnografia.

Pesquisa etnográfica e folkcomunicação: caminhos cruzados

A preocupação em produzir o registro das manifestações culturais populares, a partir de pesquisa de campo, motivou o trabalho de pesquisadores brasileiros como o folclorista Luís da Câmara Cascudo (2001; 2002), que registrou inúmeras lendas e tradições populares de diferentes regiões do Brasil diretamente da ‘boca do povo’.⁷ Luiz Beltrão (1971; 2001), ao reconhecer os processos comunicacionais inerentes às manifestações da cultura popular, também se dedicou ao trabalho empírico de observação dos meios informais de comunicação protagonizados pelos grupos sociais.

Mesmo que os estudos de folkcomunicação, desde seu surgimento nos anos 1960 com Luiz Beltrão, não possam ser traduzidos como ‘pesquisas etnográficas’, não há dúvida de que se aproximam de determinadas estratégias e ferramentas metodológicas oriundas da antropologia cultural. A observação detalhada de lugares, a descrição de fenômenos culturais tais como festas e folguedos populares, as práticas realizadas em celebrações e rituais característicos de determinada cultura, entre outros aspectos, se revelaram desde muito tempo um terreno fértil para a pesquisa em folkcomunicação.

Pode-se dizer, com isso, que a concepção antropológica de cultura, baseada no relativismo cultural e no reconhecimento da pluralidade das culturas (SANTAELLA, 2003), é assumida pelas pesquisas de folkcomunicação, que se ocupam dos fenômenos culturais como expressões comunicacionais produzidas em meio às interações sociais e às relações com os veículos midiáticos.

Ao apresentar metodologias usadas na pesquisa em folkcomunicação, José Marques de Melo (2008) destaca o roteiro metodológico proposto para investigação das festas populares⁸, de modo a “descrevê-las e interpretá-las enquanto processos comunicacionais”. Para tanto, propõe a combinação entre o método da observação e o método comparativo (2008, p. 80). Para o primeiro, toma como referência a pesquisa etnográfica associada a procedimentos peculiares à folkcomunicação, reforçando a importância do uso do diário de campo para o registro das observações. Do mesmo modo, na proposta de um roteiro investigativo para a análise da comunicação dos pagadores de

⁷ No livro *Geografia dos mitos brasileiros*, o folclorista apresenta mais de 100 assombrações tais como o saci, o lobisomem, o curupira, a mula-sem-cabeça e diversos personagens que povoam a imaginação popular. Em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, são descritas, em forma de verbetes, centenas de manifestações tradicionais do Brasil. Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, 2002; CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2001.

⁸ Pesquisa coletiva realizada por ocasião da IV Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Campo Grande, 2001).

promessas⁹, Marques de Melo (2008, 87-88) propõe a observação e a descrição das manifestações feitas pelos fieis em santuários, romarias e outros espaços de devoção (com possibilidade de uso de entrevistas), associadas ao inventário dos objetos encontrados nos locais de prática religiosa popular.

Diversos pesquisadores de folkcomunicação, à semelhança dos estudos sistematizados por José Marques de Melo, utilizam a observação no trabalho de campo (TRIGUEIRO, 2008; WOITOWICZ, 2012; SILVA e CARDIAL, 2011) para registro e análise de manifestações da cultura popular, muitas delas perpassadas pelas expressões midiáticas. Destaca-se o trabalho de Osvaldo Trigueiro (2008), que realizou pesquisa empírica sobre a televisão e o cotidiano das comunidades rurbanas¹⁰, identificando múltiplos processos de interação social realizados pela audiência.

O autor remete ao conceito de mediação como uma “operação de negociação entre duas ou mais partes do processo de comunicação” que, “para ser efetuada necessita de diferentes níveis de interações sociais” (TRIGUEIRO, 2008, p. 32-323). Orientado pela abordagem teórica de Jesús Martín-Barbero (2006)¹¹, que propõe o deslocamento do olhar sobre os meios para as interações perpassadas pela mídia, Trigueiro analisa o uso social dos meios e os processos de apropriação midiática pelas comunidades no contexto das ‘rurbanidades’.

São várias as zonas de mediações, mas os processos de comunicação e da dinâmica cultural são acelerados pelas redes midiáticas e recriam novas instâncias de negociações entre a produção e a emissão de bens simbólicos. (TRIGUEIRO, 2008, p. 32)

A respeito dos ‘usos dos meios’, Yuji Gushiken (2008, p. 03) observa que esta abordagem se traduz “nos modos como a cultura passa a interferir como mediação social nos processos comunicacionais”. De acordo com o autor,

A perspectiva dos “usos midiáticos” aponta para outros aspectos, o que inclui os modos como distintos atores sociais reinventam circuitos comunicacionais e culturais como estratégias de produção, circulação e consumo de outras informações, outras ideias, outros saberes, outras epistemes, no mundo contemporâneo. Quando se trata de comunicação,

⁹ Pesquisa coletiva realizada por ocasião da VIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Teresina, 2005).

¹⁰ Termo utilizado por Gilberto Freyre em 1982 e apropriado pelo autor para caracterizar os contextos híbridos entre o rural e o urbano.

¹¹ Martín-Barbero (2006) considera o cotidiano familiar, a temporalidade social e a competência cultural na sua caracterização dos processos de mediação.

certamente que esses processos de produção de subjetividade demandam novos modos de escuta social. (GUSHIKEN, 2008, p. 12)

Ao dialogar com a perspectiva das mediações, os estudos folkcomunicacionais valorizam os processos de diálogo e troca inerentes às práticas culturais, mobilizando atores sociais que se situam à margem ou no centro dos processos midiáticos. Esta abordagem, que atribui papel ativo aos praticantes culturais ou agentes folkcomunicacionais, sustenta a observação sobre o potencial de interação social por diferentes grupos e comunidades, bem como sobre as variadas possibilidades de apropriação midiática no ambiente social.

Perspectivas culturais na prática do Jornalismo

A abordagem etnográfica foi apropriada, ao longo do tempo, por diferentes áreas do conhecimento, passando a representar parte significativa das análises envolvendo comunicação e cultura, em especial aquelas ligadas à Escola de Chicago¹², no início do século XX, e de Palo Alto¹³, a partir de 1950, bem como os estudos de audiência, que ganham força nos Estados Unidos a partir dos anos 1980. No contexto brasileiro, os estudos de recepção e de folkcomunicação permitiram incursões no trabalho de campo e contribuíram para o questionamento de abordagens deterministas em torno da hegemonia da mídia, à medida que descobriram variados usos e apropriações pelos indivíduos e grupos sociais.

Se a etnografia se fez e faz presente no âmbito científico da área da Comunicação, pode-se dizer também que preserva algumas aproximações com a atividade jornalística, no que se refere principalmente ao modo de observar e descrever cenários e personagens. É o que sugere Yves Winkin (1998, p. 135):

Pode-se dizer que tudo o que descrevi até agora qualquer bom jornalista seria capaz de fazer. E é verdade que muitas investigações jornalísticas se parecem muito, afora alguns matizes, com pesquisas etnográficas.

O exercício de “ir ao mundo, ouvir as pessoas e, principalmente, observar para compreender aquilo que se passa” (ROVIDA, 2015, p. 78) remete à possibilidade de

¹² Pesquisadores vinculados à Escola de Chicago, desde o início do século XX, desenvolveram a ideia da interação simbólica entre as pessoas como fundamento do processo de comunicação.

¹³ A Escola de Palo Alto (Filadélfia), conhecida como “Colégio invisível”, propôs uma leitura comunicacional da sociedade, a partir das contribuições de pesquisadores de diferentes áreas, sobretudo da Antropologia.

valorização de abordagens interpretativas na descrição de ambientes, comportamentos e práticas sociais, própria da atividade jornalística. É o que sinaliza Isabel Travancas (2002, p. 03).

O jornalista é antes de tudo um habitante da cidade. O mundo urbano tem características e particularidades que se expressam no jornalismo. Quando Simmel (1979) cita o anonimato, as relações transitórias, a superficialidade como aspectos dos indivíduos urbanos, não se pode deixar de associar estas características ao jornalista. Assim como a metrópole determina um novo modo de vida, a intensidade com que o tempo é vivido também é diferente na cidade grande e na zona rural. E se o antropólogo vai se defrontar constantemente com a questão da diferença, o jornalista experimentará no seu cotidiano a cidade como espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e “tribos” diferentes, desvendando territórios heterogêneos e construindo assim um mapa, para muitos habitantes desconhecido.

Considera-se, portanto, que a apropriação de técnicas oriundas da pesquisa etnográfica para fundamentar a prática jornalística pode oferecer ganhos qualitativos na observação dos fenômenos sociais (NORBERTO e WOITOWICZ, 2016). Isso justifica a pertinência de promover exercícios de observação do cenário urbano com o propósito de identificar comportamentos ou ‘padrões culturais’ que identificam uma cultura.

Ao entender a cidade como um ‘reservatório de comportamentos’, Winkin (1998) propõe uma sistematização das observações que remete ao trabalho cartográfico realizado por Robert Park em sua atividade jornalística. A transcrição em mapas espaciais e temporais permitiria o conhecimento do ambiente e das práticas desenvolvidas em determinado lugar. Segundo a definição de Winkin (1998, p.132): “arte de ver, arte de ser, arte de escrever, são estas três competências que a etnografia evoca”.

José Guilherme Cantor Magnani (2002), em uma perspectiva convergente, diferencia o “olhar de perto e de dentro” assumido pela pesquisa etnográfica do “olhar de fora e de longe” próprio das análises de caráter mais quantitativo, destacando as contribuições do primeiro para a análise dos fenômenos sociais. Aposta, assim, na tentativa de “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números” (MAGNANI, 2002, p. 16).

Em uma aproximação com o trabalho jornalístico, entende-se que este olhar singular sobre a cidade é capaz de revelar determinados códigos e marcas presentes na cultura. À medida que a observação jornalística se orienta pelo relativismo cultural e pela valorização do cotidiano, revela-se uma outra cidade, habitada por tradições, conflitos e

interações, com potencial para subverter certa previsibilidade e mesmo determinadas valorações ou expressões de preconceito que costumam pautar os discursos jornalísticos acerca do espaço urbano.

Olhar a cidade: uma experiência etnográfica, jornalística e folkcomunicação

Com base nos fundamentos da pesquisa etnográfica, e em contato com a perspectiva teórica da folkcomunicação, na disciplina de Estudos de Comunicação e Cultura¹⁴, da terceira série do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, propôs-se um exercício de observação do espaço urbano, em que foram considerados os seguintes aspectos: a) descrição espaço-temporal do ambiente (cartografia do lugar); b) apresentação de elementos (com base em diário de campo) capazes de identificar padrões de comportamento, com ênfase nos usos e apropriações dos meios e tecnologias de comunicação; c) relações entre as bases teóricas e as observações decorrentes do trabalho de campo (do contexto micro à análise macrosocial).

As observações seguiram os princípios da etnografia, inclusive com a utilização do diário de campo. Winkin (1998) observa que o diário se trata de um instrumento de pesquisa que deve permitir a regularidade das anotações, assumindo a função catártica ou emotiva (registro de impressões), a função empírica (coleta de dados) e a função reflexiva ou analítica (identificação de “patterns”).

Além disso, foram indicadas categorias de análise desenvolvidas por Magnani (2002) que poderiam colaborar na identificação das expressões culturais nos locais analisados. O autor refere-se a quatro categorias relacionadas ao uso do espaço, oportunas para a sistematização dos ambientes comunicacionais, conforme segue.

O ‘pedaço’, descrito como um “ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (MAGNANI, 2002), possui referência espacial e é marcado pela presença regular de membros que partilham códigos comuns. É a rede de relações permite reconhecer o ‘pedaço’ e, consequentemente, os níveis de pertencimento a um determinado grupo.

As ‘manchas’ são “áreas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2002).

¹⁴ Disciplina ministrada pela autora deste artigo no primeiro semestre de 2017. Entre os tópicos da ementa, constam princípios da antropologia cultural e da etnografia e estudos de folkcomunicação.

Segundo o mesmo autor, tratam-se de pontos de referência para determinada prática que orientam um tipo de uso do espaço.

O ‘trajeto’, por sua vez, diz respeito à forma de uso do espaço que remete a escolhas no interior das ‘manchas’. E o ‘circuito’ se caracteriza como o “exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantém entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2002, p. 23).

Magnani (2002) observa, contudo, que as categorias descritas não são excludentes, podendo se articular e sobrepor.

A noção de *pedaço* evoca laços de pertencimento e estabelecimentos de fronteiras, mas pode estar inserida em alguma *mancha*, de maior consolidação e visibilidade na paisagem: esta, por sua vez, comporta vários *trajetos* como resultado das escolhas que propicia a seus frequentadores. Já *circuito*, que aparece como uma categoria capaz de dar conta de um regime de trocas e encontros no contexto mais amplo e diversificado da cidade (e até para fora dela), pode englobar *pedaços* e *trajetos* particularizados. (MAGNANI, 2002, p. 25)

A tentativa de dialogar com estas categorias permitiu, no processo de observação de diferentes lugares da cidade de Ponta Grossa, uma caracterização a respeito dos grupos sociais representados, da demarcação do ambiente para realização de determinada prática, entre outros aspectos necessários para o reconhecimento de certos padrões culturais. A partir dos trabalhos de campo, foram selecionadas para este artigo as observações realizadas em dez diferentes locais¹⁵, conforme segue: Terminal Central, Parque Ambiental, transporte coletivo, comunidade ‘rurbana’ na região do Contorno, Congregação Testemunhas de Jeová, bar e restaurante católico Icthus, bar Toldo Azul no bairro Monteiro Lobato, República bar universitário, Rusty Lounge Bar e McDonald’s.

No que se refere à categoria de ‘pedaço’, alguns trabalhos de campo mostraram uma clara demarcação do ambiente por parte dos grupos, como no caso de skatistas que frequentam o Parque Ambiental, grupos de jovens de diversas paróquias que se reúnem no bar católico para realização de práticas religiosas, ou mesmo frequentadores de locais como bares que desenvolvem lógicas de pertencimento a determinado grupo, partilhando códigos comuns. A ideia de ‘mancha’ também foi bastante apropriada nos trabalhos para caracterizar uma região formada por determinado tipo de equipamentos, como a região

¹⁵ Foram desconsiderados, neste artigo, os trabalhos de observação realizados fora da cidade de Ponta Grossa ou em ambientes de circulação restrita.

em que se situam os bares e ambientes voltados ao público universitário, localizados no entorno da universidade, ou mesmo os espaços de lazer (parquinho, quadras, pistas, etc) circunscritos em um parque público. Também a noção de ‘percurso’, presente em alguns trabalhos, permitiu identificar as dinâmicas de uso de determinado espaço para além dos grupos que se reconhecem como ‘pedaço’.

Na localidade ‘rurbana’ localizada no entorno da cidade, os alunos¹⁶ observaram que “os sujeitos convivem com aspectos socioculturais rurais, urbanos e periféricos em uma mesma demarcação territorial”. No que se refere a dispositivos tecnológicos e acesso aos meios de comunicação, foram registradas casas em que os moradores não possuem nenhum aparelho celular, telefone fixo, internet ou computador. As práticas de comunicação mediada se dão por meio do aparelho de rádio ou da televisão. Em outras casas, o acesso às tecnologias se dá com maior quantidade e frequência, integrando o cotidiano dos moradores, o que pode ser identificado pelo uso das redes sociais. Além de mapear práticas características do cenário rural, perpassadas pelas influências do urbano, os autores observaram formas comuns de interação midiática como “o uso matinal do rádio para escutar o obituário do dia, a permanência do rádio ligado durante o fazer de várias atividades e o interesse em assistir o jornal do meio dia para conferir a previsão do tempo”. Tratam-se de padrões de comportamento criados a partir dos usos da mídia, que podem se dar de formas variadas a partir da maior ou menor condição de acesso às tecnologias.

No que se refere aos ambientes voltados à prática religiosa, os dois trabalhos de campo revelaram resultados contrastantes quanto ao uso de tecnologias nos processos de interação. Na casa noturna Icthus¹⁷, o destaque é para os códigos culturais presentes no ambiente. De acordo com a descrição realizada pela autora sobre o local, a decoração é marcada por símbolos católicos e a distribuição dos espaços (com sala de bate papo que serve como confessionário, sacrário para guardar as hóstias, local para empréstimo de livros religiosos – “Biblio tecl@ndo” -, restaurante que serve comidas com nomes que remetem à religião e bebidas sem álcool, além de espaço externo para realização de missas, palestras, shows e cursos) demarca os diferentes usos do lugar, que agrega principalmente pessoas mais jovens que frequentam a casa noturna em grupos, ainda que também se façam presentes casais, famílias e membros da igreja como freiras e padres.

¹⁶ Observação de caráter etnográfico realizada por Ângelo Rocha e Gustavo Ban.

¹⁷ Observação de caráter etnográfico realizada por Ana Luisa Vagheti de Souza.

Na Ichthus, observou-se a prevalência da interação face a face e uma baixa interação por meio de celulares. De acordo com a pesquisa, nota-se que a casa funciona em duas lógicas de interação dos indivíduos, quando está tendo atividades de caráter religioso, em que as atividades se concentram na proximidade entre as pessoas, e nos momentos de funcionamento normal do estabelecimento, quando a música ambiente, os telões e o uso de celulares se revela mais frequente.

Já as reuniões congregacionais das Testemunhas de Jeová¹⁸ são marcadas pelo alto nível de participação entre as pessoas na leitura e discussão sobre a bíblia, no treinamento para a prática ministerial e no estudo da revista Sentinela, com uso efetivo de diversos dispositivos tecnológicos. Os encontros realizados duas vezes por semana possuem dinâmicas distintas, que são comuns a todas as congregações. Segundo a observação realizada, são utilizadas nas reuniões e na adoração diversas ferramentas digitais produzidas pela própria organização religiosa – tais como o site Jw.org, o JW broadcasting e a TV JW, os aplicativos *JW language* e *JW sign language*, coletânea com vocabulários e expressões em diversos idiomas e em linguagem de sinais, e o aplicativo *JW library*. A pesquisa permitiu constatar que o aplicativo mais utilizado pelas Testemunhas de Jeová, tanto nas reuniões como no cotidiano, é o *JW library*, que permite acompanhar a programação de todas as reuniões, ter acesso aos conteúdos (vídeos, traduções da bíblia, entre outros) para os encontros. “Nas reuniões, a maioria dos presentes acompanha a programação pelo *JW library*, mesmo as pessoas idosas”. O uso do telão com letras de músicas e do *tablet* ou celular para acesso ao conteúdo das reuniões (como a bíblia e a revista Sentinela, que possuem versão física e digital) é frequente no ambiente.

Os trabalhos dedicados às interações em locais públicos envolveram o Parque Ambiental, o Terminal Central e as linhas de transporte coletivo durante o final de semana. O Parque Ambiental¹⁹ reúne várias tribos ou ‘pedaços’ que caracterizam a diversidade do local e também situações de ‘trajeto’, evidenciadas pelo uso do espaço apenas como lugar de passagem, uma vez que se localiza no centro da cidade, ou ambiente para corridas. As interações no parquinho, nas quadras esportivas e na pista de skate seguem lógicas próprias estabelecidas pelos usuários, em diferentes níveis de envolvimento, e baseada em certos códigos culturais. Segundo a observação realizada, o

¹⁸ Observação de caráter etnográfico realizada por Fernanda Martorelli.

¹⁹ Observação de caráter etnográfico realizada por Jaqueline Andriolli e Kethlyn Lemes.

uso de dispositivos tecnológicos se resume aos aparelhos celulares, usados frequentemente para ouvir músicas e tirar fotos.

O Terminal Central²⁰, por sua vez, é caracterizado ao mesmo tempo como em uma ‘mancha’, marcada pelos fluxos presentes na região central da cidade, e como um lugar de ‘trajeto’, por onde circulam diariamente usuários de 40 linhas de ônibus. As relações comerciais são intensas nos arredores do local e o trânsito rápido de pessoas se acentua em determinados horários como a saída do trabalho e da escola. O uso de dispositivos móveis, segundo a observação, é frequente no local, especialmente entre os mais jovens, que os utilizam principalmente para jogos e redes sociais. A rádio dentro do Terminal parece não ter relevância para os usuários, conforme descrição da equipe.

As interações no interior dos ônibus nos finais de semana²¹, quando o tempo dos usuários não está dedicado ao serviço, revelaram também o uso regular do celular como prática durante a espera pelo percurso para as pessoas mais jovens. O trajeto, dividido em três etapas - linha Terminal Central/Terminal Uvaranas; Terminal Uvaranas/Vila São Marcos; Terminal Uvaranas/Terminal Nova Rússia -, revelou diferentes níveis de familiaridade entre trabalhadores (motorista e cobrador) e usuários, bem como o uso do ônibus para a realização de atividades de lazer e religiosas. De acordo com a observação realizada, foi possível identificar diferentes formas de envolvimento durante o trajeto, como a evasão, caracterizada como um tipo de “para-envolvimento”: “o envolvimento está relacionado à influência que a saída de um local privado para o público tem na conduta dos indivíduos. Essa mudança de modos está relacionada à percepção sobre o espaço em que se está inserido e sobre como os demais sujeitos o ocupam”. No chamado “encontro entre estranhos”, emergem interações parciais em meio ao trajeto percorrido pelas pessoas em busca da oferta de determinados serviços.

Por fim, outros quatro ambientes comerciais (bares e lanchonetes) compõem as observações sobre o espaço urbano em Ponta Grossa. O Mc Donald’s²², franquia internacional, é frequentado por públicos diferentes de acordo com os horários ao longo do dia. O consumo rápido, por poucas pessoas, durante o café da manhã se altera nos horários do almoço e final da tarde com a presença de grupos de amigos (principalmente adolescentes que estudam nos colégios privados da região) e famílias com crianças, que

²⁰ Observação de caráter etnográfico realizada por Danielle Farias e Giulia Garbelotti do Prado.

²¹ Observação de caráter etnográfico realizada por Ana Cláudia Pereira e Bruna Alexandrino Baltazar.

²² Observação de caráter etnográfico realizada por Juliana Maria Lacerda D’Eleoterio e Nicolas Pedrollo Ribeiro.

utilizam o espaço com brinquedos. A identificação de alguns grupos como ‘pedaço’, principalmente no que se refere à demarcação do piso superior para os adolescentes, contribui para o reconhecimento de práticas comuns da cultura juvenil, como as frequentes *selfies*. O uso de celulares por parte dos clientes, seja para troca de mensagens e acesso às redes sociais, seja para repassar aos atendentes os códigos promocionais, foi apresentado como recurso tecnológico principal nas interações verificadas pela equipe no local.

No República²³, bar universitário, que se insere na ‘mancha’ dos locais em torno da Universidade Estadual de Ponta Grossa, foram observadas as formas de socialidade entre os frequentadores, que se dividem entre o jogo de sinuca e as mesas situadas no ambiente interno. O lugar, conforme a observação realizada pela equipe, costuma ser frequentado por grupos de amigos, que utilizam os celulares durante todo o tempo, porém sem interferências na interação entre eles. Os usos, registrados pela equipe, envolveram “mandar mensagem, acessar rede social, tirar fotos, fazer ligações, escutar mensagens em áudio, conferir o horário ou apenas segurar o celular”. Além do uso dos celulares, televisões espalhadas pelas paredes com clipes musicais dos gêneros sertanejo, pagode e funk compõem o ambiente e materializam os gostos dos clientes.

Na Rusty Lounge Bar²⁴, balada frequentada por jovens, onde predomina o funk como estilo musical, o uso de celulares também se revela prática comum, principalmente na chegada ao ambiente, com as conversas no *whatsapp*, fotos e acesso às redes sociais como forma de registrar a presença no local. Pelos registros feitos pela equipe, é possível identificar a lógica de ‘pedaços’ para o reconhecimento de diferentes grupos de frequentadores, que pode ser evidenciada pela ordem espacial do lugar. À medida que a festa se desenvolve, os celulares se tornam secundários entre os frequentadores, uma vez que as práticas de socialidade se intensificam.

O bar Toldo Azul²⁵, por sua vez, guarda características de um estabelecimento pequeno situado em um bairro da cidade, o que faz com que o nível de proximidade e interação entre os frequentadores se intensifique. Espaço simples, oferece basicamente churrasquinho e cerveja, mantendo um público fiel. A televisão, que transmite jogos esportivos, é atração do lugar. Conforme observação realizada, a música espontânea, promovida por algum cliente do bar com violão ou outro instrumento, contribui para o

²³ Observação de caráter etnográfico realizada por Aline Cristina e Ellen Almeida.

²⁴ Observação de caráter etnográfico realizada por Andressa Zaffalon Fabri e Gabrieli Kapp de Oliveira.

²⁵ Observação de caráter etnográfico realizada por Yuri Pinto Silva.

clima festivo entre os frequentadores. O bar situa-se entre outros espaços comerciais do bairro Monteiro Lobato, inserindo-se em uma ‘mancha’.

Entende-se que os locais observados são apenas algumas mostras da diversidade que compõem o ambiente da cidade, com seus diferentes usos e apropriações. Guardadas as diferenças entre os trabalhos de campo propostos, pode-se dizer que o esforço de identificar padrões de comportamento a partir da relação com o lugar e das interações mediadas ou não por dispositivos tecnológicos configura um exercício de extrair a singularidade das coisas comuns, prática esta que historicamente permitiu marcou os estudos de comunicação e cultura de diferentes vertentes teóricas.

Neste caso, as marcas culturais de determinado grupo, os elementos que identificam a cultura a partir do lugar, bem como os modos próprios de interação estabelecidos em meio às relações cotidianas, são reveladores de processos informais de comunicação que compõem o ambiente social.

Considerações finais

O contato com debates acerca das dinâmicas culturais e dos novos modos de interação mediados pela tecnologia figura como uma abordagem pertinente para a reflexão teórica na atualidade. Por isso, entende-se que, ao inserir um exercício de observação das práticas cotidianas em diferentes ambientes está se estimulando, por meio do ‘olhar etnográfico’, o desafio de descobrir a cidade a partir dos sujeitos que a compõem, em uma perspectiva humanizada que pode ser apropriada para a prática do jornalismo, seja na proposição de pautas ou na abordagem sobre lugares e grupos sociais. Estes aspectos remetem à necessidade de garantir espaços para debate, reflexão e problematização da realidade em meio ao processo de formação profissional.

Nos limites da experiência relatada, que se apresenta como uma prática comum no meio acadêmico, especificamente quando se trata de disciplina voltada às interfaces entre comunicação e cultura, entende-se que reconhecer o valor cultural das práticas cotidianas constitui um modo de exercitar o olhar sobre a presença da mídia nos processos socioculturais da contemporaneidade.

Com esta dinâmica, pode-se dizer que estão sendo abertas algumas possibilidades para oportunizar o contato e aprofundar reflexões que envolvem a cultura, em diálogo com a perspectiva da folkcomunicação, que têm se mostrado relevantes no contexto da formação profissional e acadêmica em Jornalismo.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- GUSHIKEN, Yuji. Usos midiáticos na constituição de circuitos culturais e comunicacionais populares urbanos. **E-Compós**, v.11, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/244/263>
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749>
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Resolução CNE/CES nº 1, 27 de setembro de 2013.
- NORBERTO, Márcio; WOITOWICZ, Karina Janz. Ir a campo: contribuições do método etnográfico para o desenvolvimento da pesquisa em jornalismo. **Revista Cadernos da Escola de Comunicação**, vol. 1, nº. 14 | Jan / Dez 2016. Disponível em: <http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/view/175/151>
- ROVIDA, F. M. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica: **Líbero**. São Paulo, v.18, n.35, p.77-88, jan./jun. 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SILVA, Lawrenberg Advíncula; CARDIAL, Marcos. Estudando folkcomunicação na feira livre de Alto Araguaia, Mato Grosso. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 1, n. 18, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1452/1027>
- TRAVANCAS, Isabel. Jornalistas e antropólogos: semelhanças e distinções da prática profissional. Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, setembro 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

WOITOWICZ, Karina Janz. Folkcomunicação nas festas populares: Elementos para uma proposta de registro e análise da cultura popular no Paraná. Artigo apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012.